

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica

Class.: _____

Data: 11/01/90

Pg.: _____

Tuma devolve 1.^a pista à Funai

BOA VISTA, 10 de Janeiro — (Induca Rodrigues) — "Simbolicamente devolvendo esta pista à Funai que, a partir de agora, deverá efetuar um trabalho para o estabelecimento de uma nova vida para os Yanomami, sem a presença dos garimpeiros que já dispõem de novas áreas para continuar trabalhando".

A explicação foi dada ontem pelo diretor geral do Departamento de Polícia Federal, delegado Romeu Tuma, ao desembarcar, às 11 horas, na pista do Paapiú, a primeira a ser construída na área Yanomami. O delegado estava acompanhado do governador Romero Jucá, da primeira-dama, d. Teresa e de dirigentes de sindicatos e associações de garimpeiros além de um verdadeiro batalhão de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas.

Após desembarcar de um helicóptero da Força Aérea Brasileira, Tuma e Jucá encaminharam-se para uma pequena casa construída ao lado da pista de pouso com o diretor geral da Polícia Federal, tentando comunicar-se com uma criança Yanomami. Embora não tivesse sucesso de diálogo, Tuma atendendo aos pedidos dos fotógrafos e cinegrafistas carregou nos braços o pequeno índio, agora já com um boné de Departamen-

to de Polícia Federal, enquanto o coordenador de operações do Dops, delegado Amaury Galdino mais do que depressa apressou-se em colocar na cabeça de seu superior um outro boné que não chegou a ficar sequer dois minutos na cabeça de Tuma sendo por este retirado.

"A briga é de vocês?" — Distribuindo apertos de mãos à alguns garimpeiros, fazendo perguntas à outros sobre a situação e dando orientações, Romeu Tuma parou no meio da pista barrenta do Paapiú ao ouvir uma pequena discussão entre um cinegrafista e um repórter fotográfico motivada pela disputa de um melhor ângulo das cenas provocadas pelo diretor geral da Polícia Federal.

"O que é que está havendo entre vocês, pessoal? Estão brigando? Eu imaginei, segundo informações que obtive, que a briga existente seria entre os índios mas, nunca, entre vocês, ironizou Tuma.

Depois de caminhar entre baldes e tambores de combustíveis colocados ao lado da pista do Paapiú, a primeira a ser aberta na área Yanomami há três anos, Tuma adentrou numa das casas e misto de armazém para ir

ao banheiro sendo seguido pelos jornalistas. "Aqui é outra coisa, é pessoal, rapazes", disse Tuma brincando com os jornalistas. Depois de prestar algumas informações aos pilotos e conversar quase cinco minutos com o piloto da Goldamazon e ex-Cruzeiro do Sul, o gaúcho Rogério Abreu, o primeiro piloto a sobrevoar baixões e rios da Amazônia (Rogério tem 62 anos, voa há 37 anos e tem 44 de profissão) ainda permaneceu por quase 20 minutos no Paapiú, distante 1 hora e 10 minutos da capital da cidade, mais tempo do que Boa Vista/Manaus, 50 minutos) embarcando no helicóptero da FAB desembarcando em Boa Vista para, em seguida, viajar para Manaus e depois Brasília.

Enquanto andava de um lado para outro no Paapiú, Tuma não chegou a ver o coordenador da "Operação Cainamé ou Selva Livre", Amaury Galdino, do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), e mais dois agentes derramaram 22 latas de cervejas Skol, totalmente exibidas por um dono de armazém, além de garimpeiro, causando um prejuízo de 3 mil e 600 cruzados novos, o equivalente a 11 gramas de ouro a preço atual. "A bebida nos garimpos é proibida", observava Galdino.

Pilotos fazem acordo com os federais

Após a grande euforia que tomou conta dos garimpeiros que hoje sobrevivem da lavra no interior do Estado com o fim da expulsão, a normalidade voltou às frentes de serviço localizadas, próximas as reservas Yanomami. Num acordo firmado entre os pilotos das aeronaves que abastecem os garimpos e a Polícia Federal, os pilotos comprometeram-se a fazer vôos apenas para as áreas localizadas fora da reserva indígena, para onde levarão materiais para garimpo e combustíveis, transportando para o interior da reserva indígenas apenas víveres e pessoas envolvidas na retirada de equipamentos. O aeroporto de Boa Vista está liberado para pousos e decolagens de aeronaves de pequeno e médio porte.

Nas áreas indígenas de Paapiú, Surucucus e Uaicás, apenas víveres e pessoas envolvidas na retirada de máquinas e equipamentos estão sendo admitidos. Nas áreas de reser-

vas garimpeiras — Catrimani-Couto de Magalhães, Uraricoera e Santa Rosa — o movimento de aeronaves é normal, com a possibilidade de entrada de materiais para garimpo, combustíveis, víveres e tudo mais necessário à manutenção da atividade.

Cooperativa — Na Cooperativa Mista dos Garimpeiros e Faiscadores de Roraima, o clima ontem era de festa. O presidente Verley Bueno, repetia a todo instante que "foi feita justiça. O governador Romero Jucá e o povo de Roraima foram os grandes vencedores desta batalha, que promete terminar bem".

Na opinião de Verley as áreas destinadas à mineração, no acordo firmado, definidas como reservas garimpeiras, estão localizadas nos pontos de maior incidência de minérios de toda a região. "Nós queremos estar em paz com os índios e com o governo federal. A única coisa que queremos, é uma área onde

possamos trabalhar para sustentar nossos filhos", dizia o líder dos garimpeiros.

Sindicato — No Sindicato dos Garimpeiros de Roraima, o presidente "Baixinho", José Teixeira Peixoto, uma das figuras mais exóticas de toda a negociação, homem de posição sempre muito firme e consideradas por alguns, até extremadas, mostrava-se satisfeito com o acordo firmado. "O garimpeiro não é marginal, como estamos sendo acusados. Nunca estupramos índias, nem andamos matando índios. O garimpeiro é um batalhador. Um macho, que como tal precisa ser respeitado e é isso que exigimos. Não pedimos, exigimos respeito, por parte de quem quer que seja", dizia, com orgulho de ter participado das negociações com "o doutor Romeu Tuma, que é um homem que sabe respeitar outro homem, quando vê um".

Critérios rigorosos sobre o mercúrio

BRASÍLIA (Sucursal) — Quando os garimpeiros que estão sendo retirados da reserva Yanomami forem reassentados, possivelmente em áreas da Floresta Nacional de Roraima, terão de obedecer a rígidos critérios sobre o mercúrio utilizado em seu trabalho. A forma de lidar com o mercúrio, material altamente poluente, será controlada pelo Instituto Brasileiro de Recursos Naturais Renováveis e Meio Ambiente (Ibama), que vai distribuir entre os garimpeiros uma cartilha contendo instruções sobre como deverá ser processado o material, para que seu uso não implique no envenenamento dos rios.

A primeira vez que se aventou a hipótese de retirar os garimpeiros da reserva Yanomami e transferi-los para a Floresta Nacional de Roraima, o presidente do Ibama, Fernando César Mesquita, mostrou-se contrário à transferência, por entender que os danos à natureza seriam apenas mudados de um lugar para outro. Depois disso, no entanto, um decreto presidencial deu ao Ibama poder de controle sobre a importação e comercialização do mercúrio, principal agente poluidor empregado na garimpagem de ouro.

Agora, devido ao problema social que havia com a expulsão pura e simples dos garimpeiros, Fernando César Mesquita já admite a transferência deles para áreas da Floresta Nacional de Roraima. Para evitar que a natureza continue sendo danificada pelo mercúrio, o Ibama vai distribuir entre os garimpeiros uma cartilha explicando as formas inofensivas de utilização desse material, bem como o processamento que ele deve sofrer depois de usado no garimpo.